

CAPITALISMO E FEMINICÍDIO: UMA ANÁLISE DA OBRA *DECIFRANDO ÂNGELO, DE LUÍS DILL*

CAPITALISM AND FEMICIDE: AN ANALYSIS OF THE BOOK DECIFRANDO ÂNGELO, BY LUÍS DILL

FALÇONI, Luana Cristo¹
FLORIANO, Clara Beatriz Tavares²
RIBEIRO, Rebecca de Araujo³
SANTOS, Amanda da Silva⁴

Resumo: Este artigo visa analisar de que forma o capitalismo e o feminicídio aparecem na obra *Decifrando Ângelo*, de Luís Dill. Para isso, foram analisadas as características e a materialidade da obra, seu gênero, bem como as questões relacionadas ao capitalismo, ao feminicídio e ao machismo trazidas pelo autor por meio das falas das personagens. Como resultado, conclui-se que o machismo, uma herança cultural da sociedade patriarcal, muitas vezes se perpetua de forma sutil, pois foi criado para ser naturalizado, resultando na violência contra a mulher e, até mesmo, em seu extermínio.

Palavras-Chave: Capitalismo; Feminicídio; Literatura Juvenil.

Abstract: This article aims to analyze how capitalism and femicide appear in the book *Decifrando Ângelo*, by Luís Dill. For this, the characteristics and materiality of the work, its genre, as well as issues related to capitalism, femicide and machismo brought by the author through the speeches of the characters were analyzed. As a result, it is concluded that machismo, the cultural heritage of the patriarchal society, is often subtly perpetuated, as it was created to be naturalized, resulting in violence against women and even her death.

Keywords: Capitalism; Femicide; Youth Literature.

Como citar este artigo?

FALÇONI, L. C.; FLORIANO, C. B. T.; RIBEIRO, R. A.; SANTOS, A. S. Capitalismo e feminicídio: uma análise da obra *Decifrando Ângelo*, de Luís Dill. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 454-470, 2021.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes) - Campus Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo, Brasil. Orientadora: Prof. Dra. Mariana Passos Ramalhete. Voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) E-mail: luuhcristo@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes) - Campus Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo, Brasil. Orientadora: Prof. Dra. Mariana Passos Ramalhete. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) E-mail: tavaresclara67@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes) - Campus Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo, Brasil. Orientadora: Prof. Dra. Mariana Passos Ramalhete. Voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) E-mail: beccaaribeiro@gmail.com.

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes) - Campus Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo, Brasil. Orientadora: Prof. Dra. Mariana Passos Ramalhete. Voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) E-mail: mandsantos98@gmail.com.

1 Introdução

As relações de poder que se estabelecem em uma sociedade estão submetidas às bases materiais de um status social que determina os papéis e as relações sociais entre os indivíduos (IOP, 2009). Desde o advento da acumulação primitiva à ascensão dos valores burgueses e do capitalismo, houve uma tentativa de disciplinamento e dominação do corpo, ainda mais com o novo conceito de família como uma instituição importante. Este processo foi denominado por Federici (2019) de "disciplinamento do corpo", que "consistia em uma tentativa do Estado e da Igreja de transformar as potencialidades dos indivíduos em força de trabalho" (FEDERICI, 2019, p. 241). Dessa forma, vale ressaltar que

o corpo em questão não é, obviamente, o corpo objetivo, material e mortal, resultado de uma somatória de átomos e moléculas que desempenham funções fisiológicas e biológicas, tampouco o corpo inerte com suas propriedades eternas. Mas o corpo imerso na história, fabricado discursivamente; logo, o corpo como irrupção de um acontecimento. Trata-se de uma construção simbólica inscrita em redes de poder e resistências. Possui uma história física, estética, política, ideal e material, que se transforma nos tempos e nos espaços (WITZEL, 2014, p. 530).

Nesse sentido, quando a burguesia estabeleceu uma batalha contra o corpo, a fim de moldar indivíduos para que atendessem às necessidades que emergiram com o capitalismo, ou seja, indivíduos necessários à manutenção da sociedade industrial (WITZEL, 2014), o corpo tornou-se um recipiente da força de trabalho, um maquinário que, se separado da alma, atenderia a todas as necessidades do novo sistema econômico, subordinando-se a um processo de trabalho uniforme e previsível (FEDERICI, 2019).

Por conseguinte, estabeleceu-se uma nova configuração de família. Enquanto o homem saiu de casa para trabalhar, o espaço doméstico ficou restrito à figura feminina, fazendo com que, ao longo do tempo, se cristalizasse a ideia de que este trabalho deveria ser realizado gratuitamente e por ela, uma vez que seria destinado às pessoas a quem ama, o marido e os filhos. E como o amor é gratuito, não pode ser precificado. Tal raciocínio, perpetuado de maneira sutil ainda em nossos dias, culminou em alguns fatores que mais à frente serão comentados.

Isso posto, na sociedade hodierna, ainda pode-se notar o disciplinamento do corpo, sobretudo do corpo feminino, que aqui ganhará destaque. Tal afirmação justifica-se através dos resquícios de um passado não muito distante que perpetua-se na sociedade atual por meio de práticas sexistas que se apresentam de maneiras sutis. Assim, o que se vê é que o corpo feminino continua subordinado a todo e qualquer tipo de julgamento e tentativa de “domesticação”, sendo esta uma dentre tantas violências – não tão sutis – que a mulher sofre ainda na contemporaneidade.

Pensando nisso, o presente artigo tentará potencializar e dar voz a essa questão por meio da análise literária da obra *Decifrando Ângelo*, de Luís Dill. Isto porque a literatura está ligada à vida social, mesmo não tendo compromisso em refletir exclusivamente a realidade. O que se vê, então, é que em se tratando da obra literária, é necessária atenção à natureza estética do texto. No entanto, faz-se mister um olhar voltado também para os fatores sociais, políticos, econômicos e históricos presentes na obra, uma vez que o estético remete à sensibilidade humana e a como os sentidos individuais podem captar de forma sensível o mundo e suas contradições (CORRÊA, 2019).

Por conseguinte, acredita-se que a obra literária em destaque oferece reflexões que são capazes de transformar os indivíduos, humanizando-os (CANDIDO, 1995). Além disso, sendo uma obra de arte literária, dá oportunidade ao homem de se reconhecer de maneira autêntica, de refletir sobre a totalidade da vida, de intervir e transformar o meio social em que vive. Isso porque ele começa a compreender criticamente o que é desumano, retirando-se da condição reificada de mero observador da vida social para se tornar participante ativo dela (CORRÊA, 2019).

Em vista disso, cabe aqui a delimitação de como este artigo será organizado. No item 2, intitulado “Características, materialidade e o gênero da obra em perspectiva”, o artigo destaca e analisa dados relativos às características textuais, materialidade e o gênero da obra a ser analisada. A terceira seção, denominada “Machismo e feminicídio”, aborda o machismo como forma de manutenção do sistema capitalista e como este serviu e tem servido para a objetificação do corpo feminino, o qual é “domesticado”, violentado e exterminado ainda hoje. Por fim, as considerações finais buscam refletir sobre a importância da literatura juvenil e as temáticas abordadas nas obras para a

formação do leitor e sobre a necessidade de lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

2 Características, materialidade e o gênero da obra em perspectiva

A obra *Decifrando Ângelo*, do escritor e jornalista Luís Dill, publicada pela primeira vez em 2012 pela Editora Scipione do grupo Saraiva, com sede em São Paulo, é endereçada ao público juvenil e narra uma tragédia que ocorre no interior de uma escola. O ato violento provoca perplexidade em todos e, para tentar entender o que se passou, um dos alunos utiliza-se de sua câmera de vídeo para produzir um documentário. A obra possui 61 páginas que buscam desvendar Ângelo, que não se sabe se é vítima ou autor do crime cometido.

Figura 1 – Decifrando Ângelo



Fonte: Dill (2012)

Conforme destacado anteriormente, *Decifrando Ângelo* caracteriza-se como um documentário em forma de livro, portanto o texto literário imita um

roteiro. Sendo assim, a obra é marcada por depoimentos que aguçam a curiosidade do leitor e criam situações que o impedem de interromper a leitura. Na própria capa, já é possível identificar características que convidam o leitor a ler a trama.

A coloração é predominantemente branca, possuindo um título com letras garrafais, característica do gênero jornalístico e documental, que é disposto separadamente, na vertical e escrito em letras minúsculas. Além disso, o leitor ainda encontra, nesse espaço, uma ilustração que faz alusão à marca que um tiro de revólver deixa ao atravessar uma superfície sólida. Há um furo aberto localizado no meio da página e que separa as duas únicas palavras do título, dando a entender que entre tentar decifrar o jovem Ângelo e enxergar a realidade/espço em que ele vive, alguma coisa aconteceu, algo que não pode ser desconsiderado, mas que precisa ser visto e documentado.

Por conseguinte, a forma como o título é ajustado, sendo dividido em sílabas, passa a sensação de que será preciso juntar algumas peças para entendermos a história, além de o buraco na capa deixar uma espécie de mistério. Tudo isto com a intenção de deixar o leitor com a vontade de decifrar Ângelo e de gerar a curiosidade sobre o que acontecerá ao longo da narrativa construída por Dill. A obra utiliza-se, em seu interior, da mesma cor da capa, apresentando um projeto gráfico que diz respeito à história que vai contar e ao mistério que quer passar, porque

mais do que páginas impressas, o livro precisa ser compreendido como um objeto que inclui, em sua composição, múltiplos modos ou gêneros de representação, com elementos combinados de impressão, imagens visuais e design (NAVAS, 2020, p. 66).

Ainda sobre isso, Navas (2020) acrescenta que a elaboração dos aspectos referentes à materialidade do livro visam à forma e à função, tornando o livro adequado para o seu público-alvo. Logo, por meio dessa elaboração, consegue-se atrair a atenção do leitor para a interação com o livro, além de transmitir parte da personalidade da obra e instigar os leitores a desvendar o que há ali, configuração que se pode notar em *Decifrando Ângelo*.

Em relação à linguagem apresentada na construção da obra, percebe-se a valorização da oralidade e a preservação da escrita informal para imprimir maior fidedignidade às falas das personagens. Dessa forma, é notável o emprego de gírias e da variação linguística característica do Sul, conforme aparece no trecho:

“[...] Eu sento aqui na frente, nessa classe aqui do lado. Vocês chamam de ‘classe’, né? A gente chama de carteira [...]” (DILL, 2012, p. 10). As marcas de oralidade também podem ser observadas neste outro trecho: “Pô, já disse que não quero falar sobre essa história, que saco, JB. Ah? Tudo bem que é importante para ti, mas para mim não é, não quero mais ouvir falar dessa história horrível” (DILL, 2012, p. 11).

A escolha do gênero documentário é visto como elemento estético na construção do enredo. Por meio da introdução da narrativa jornalística, há a valorização da linguagem informal, das expressões e gírias, visto que os diálogos apresentados são semelhantes aos do dia a dia dos adolescentes. Logo, é interessante ressaltar que a obra se constitui por meio da fusão de um gênero visual e jornalístico e outro narrativo e literário, o que chama a atenção por ser algo inovador.

Sobre o interior do livro, no início de cada página é feita uma descrição do entrevistado por um narrador observador, bem como do ambiente em que se encontra, o que confere maior familiaridade do leitor com o mesmo e ajuda a visualizar a cena. O espaço da narrativa varia de acordo com cada participante, o qual escolhe o lugar em que se sentirá mais confortável para dar a entrevista.

Cada depoimento está organizado em ordem alfabética e por data, podendo ser comparado a uma peça de quebra-cabeça, a qual dá pistas do que pode ter acontecido. Assim, só será possível saber o que aconteceu quando todas as peças estiverem juntas e a última peça é o depoimento de JB Vuia, colega que teve a ideia de fazer o documentário.

Como salientado, os espaços que constroem a narrativa são diversos, pois cada um deles leva ao leitor à intensificação das emoções e o instiga a desvendar o crime. Fajardo (2018, p. 254) diz que

A clássica narrativa de enigma oferece ao leitor duas histórias distintas, uma voltada ao crime e concluída antes do início da seguinte e a outra voltada ao inquérito. [...] O relato da investigação geralmente fica nas mãos de um companheiro do detetive, aspecto responsável por conferir ênfase às cenas progressivas de suspense, as quais desencadearão, ao final do enredo, a descoberta do criminoso. Logo, uma vez que as personagens não agem, mas retiram conclusões acerca de uma ação anterior, a narrativa passa a ser elaborada em forma de memória (FAJARDO, 2018, p. 254).

Logo, a obra foge da narrativa tradicional e apresenta vários discursos que se cruzam para que o leitor também construa suas próprias impressões sobre

Ângelo e a tragédia em que ele estava envolvido. Os entrevistados, que são os colegas de classe do jovem, têm a chance de contar a história do garoto por meio de suas perspectivas pessoais, o que ajuda a traçar um perfil do garoto, visto que a cada depoimento novas informações são acrescentadas, mas também dá um panorama dos diversos pensamentos que a sociedade tem acerca do crime relatado no livro.

Ademais, o livro traz duas referências artísticas que ajudam a compreender um pouco a personalidade e os gostos de Ângelo. Logo no início, é apresentada uma frase do Surfista Prateado, um vilão da Marvel e também apelido que foi dado a Ângelo por seu colega de classe, Renan Santiago Velasco. O apelido se justifica pelo fato de Ângelo ter citado uma frase dessa personagem. Mas, se for traçar um paralelo, uma das características do vilão é ser introspectivo e filosófico, o que pode ter despertado um sentimento de representatividade por Ângelo. Isso porque Ângelo é descrito pela maioria dos colegas como uma pessoa tímida, calada, que sentava no fundo da sala e fazia rabiscos em seu caderno.

A segunda referência artística é da música *Seasons in the sun*, da banda de rock Nirvana, a qual Ângelo estava ouvindo na aula de Filosofia. Dessa forma, a frase do vilão “A morte vem para todos, eu não a temo”, presente na epígrafe do livro, combina com a música, cuja letra fala sobre um eu-lírico que está se despedindo antes de cometer suicídio. Nesse sentido, pode-se perceber que Ângelo estava deixando algumas pistas acerca de seu estado mental, principalmente na sua forma de se comportar que, segundo um dos entrevistados, estava se tornando mais agressiva.

3 Machismo e o feminicídio

Decifrando Ângelo é uma obra que apresenta muitas questões, porém, devido aos limites deste artigo, a ênfase será dada no capitalismo e no feminicídio.

Conforme dito anteriormente, o adolescente J.B. Vuia é o detetive da trama e entrevista adolescentes que conheciam Ângelo e Letícia, jovem pela qual Ângelo se apaixonou e, mais tardiamente, assassinou-a por não corresponder a seus sentimentos. Observa-se, no trecho a seguir, o depoimento da personagem Giovanna Morita.

DECIFRANDO ÂNGELO – 2011

Diretor: JB Vuia

Depoimento 11: Giovanna Morita – Take 1

Data: 27/5

Oi, eu sou Giovana Morita. [...] Então, o Ângelo para mim sempre foi um enigma. [...] Eu sempre me perguntava quem era o Ângelo. Será que ele era o cara fechadão da sala de aula? Ou será que existia outro Ângelo? Um cara extrovertido, brincalhão, apaixonado. [...] Mas, então, o Ângelo seguia a Letícia mesmo, ia atrás, marcava em cima. Ela ia pro inglês, ele ficava na frente do prédio do curso. Ela ia pra academia, ele ficava do outro lado da rua, assim, meio disfarçado, meio escondido, sabe como é? Dizem que até nas baladas o Ângelo ia atrás. Imagina. Ela lá, dançando, se divertindo com as amigas e, o cara no balcão, ou pelos cantos, cuidando da menina. [...] Ouvi dizer que ela, a Letícia, não queria nada sério com ninguém. Sabe aquela menina que se acha o máximo? Do tipo eu me basto, babem por mim? (...) Ela nunca me enganou. Verdade seja dita: uma figurinha meio antipática até. O que eu ouvi por aí é que ela só queria saber de festa, de salão de beleza, de escova de chocolate, de bronzeamento artificial, de lojinha bacana do shopping, de dieta disso, de dieta de não sei o que lá, o negócio dela era curtidão. [...] (DILL, 2012, p. 28-29).

O depoimento de Giovanna Morita revelou que Ângelo perseguia Letícia e tinha ataques de ciúmes em público. Além disso, Giovanna exterioriza Letícia como uma jovem fútil, que cede ao discurso da sociedade patriarcal que espera que mulheres estejam sempre bem-vestidas e seguindo dietas para permanecerem magras, no entanto, apesar de Letícia seguir algumas destas imposições, vai contra outras, pois é uma jovem que frequenta festas e adora chamar atenção de todos, sobretudo dos garotos. Conforme apontado por Federici (2017) em *A domesticação das mulheres e a redefinição da feminilidade e da masculinidade: mulheres selvagens da Europa*, são esperadas da figura feminina subserviência, passividade, obediência e parcimônia e, quando a mulher se mostra insubmissa, indo contra o modelo ideal, esta é taxada como “desbocada”, “bruxa” ou “puta” e está passível de sofrer hostilidades e humilhações. Acrescenta-se ainda que, no mundo hodierno, as hostilidades e humilhações foram normalizadas pelo capitalismo e pela dominação de corpos e, portanto, é “aceitável” por boa parte da sociedade tal tratamento.

Essa visão objetificada das mulheres e de seus corpos demonstra o reflexo de uma perspectiva enraizada na sociedade e que vem se perpetuando durante séculos. Segundo Kergoat (2014), tal perspectiva invalida tudo o que é

produzido pelas mulheres e considera a produção masculina superior à feminina. Isso ocorre devido à divisão sexual do trabalho, que se caracteriza como “[...] o mecanismo que define e separa o que é “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” (KERGOAT, 2014, p. 77). Esse sistema reforça a ideia da figura feminina como um ser inferior à figura masculina, fazendo imperar ainda mais na sociedade a desigualdade e o machismo.

Nesse sentido, o pensamento patriarcal, que se mostra presente na sociedade, está representado de forma bem clara por meio do comportamento das personagens. Alguns colegas questionam o fato de Letícia não desejar um relacionamento sério com Ângelo após se beijarem algumas vezes, alegando que a garota nunca inicia um namoro com ninguém e engana os rapazes com quem se relaciona. Essa culpabilização das mulheres ocorre em uma tentativa de rebaixá-las e colocá-las no padrão patriarcal de ideário da feminilidade, ao qual as mulheres devem ser submissas, subservientes e recatadas.

Na Europa, durante muito tempo, especialmente entre os séculos XVI e XVII, adotou-se uma visão de que as mulheres eram “[...] pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras” (FEDERICI, 2017, p. 203). Por serem consideradas dessa forma, as mulheres, portanto, deveriam ser controladas para adotarem um comportamento dito mais adequado a elas. Com isso, “[...] surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas” (FEDERICI, 2017, p. 205). Por não aceitar que Letícia adotasse comportamentos diferentes do que é esperado por uma sociedade patriarcal, Ângelo tornou-se extremamente ciumento e possessivo.

Além disso, ao longo do livro, há várias meninas acusando umas às outras, tentando encontrar uma culpada. Percebe-se, assim, uma rivalidade entre mulheres que é incentivada pela sociedade capitalista, uma vez que quanto mais as mulheres se odiarem, menos força elas terão para lutar por sua emancipação. Sobre isso, Kergoat (2014, p. 20) reitera que “emancipar-se individualmente é condição para a emancipação coletiva, mas em contrapartida é o coletivo que dá condições para que exista a liberdade individual”.

Dessa forma, reforçam-se o machismo e os estereótipos de gênero, que atualmente se sobressaem no pensamento de que a culpa do estupro é da mulher por causa de sua vestimenta, que mulher não pode ficar com vários homens,

senão ganha o status de prostituta ou vadia, que a mulher tem que estar sempre à disposição dos homens, entre outros.

Esses estereótipos podem ser ilustrados a partir do depoimento de Stéfani, a qual relatou que ouviu a mãe de alguns alunos comentarem que a culpa do que havia acontecido era das meninas, porque elas usavam roupa curta. “Segundo essa mãezinha, nós, as gurias do colégio, somos muito ousadas em nossas roupas e nos nossos hábitos. Ela tava falando de vestidinho mais curto, de decote, de beijo, de abraço, essas coisas” (DILL, 2012, p. 53). Letícia se opôs a todos esses padrões e acabou virando estatística nos dados de feminicídio.

Ademais, reitera-se a bandeira levantada pelo movimento feminista de que “não é não” e sobre a frase “meu corpo, minhas regras”. O “não” de Letícia não foi respeitado, seu corpo - sua vida - foi tratado como propriedade de terceiros. Assim, “corpos femininos em contradição ao que é imposto são violentados de inúmeras maneiras” (PEREIRA, 2018, p. 80). Segundo Pereira (2018), o machismo enxerga o corpo da mulher como instância pública passível de ser infringida, portanto apaga-se sua subjetividade. Isso porque o corpo é o “locus de todo poder e, mais ainda, é a própria condição da subjetividade. Por isso, a tentação em violentá-lo [...]” (PEREIRA, 2018, p. 78).

Esse corpo como lugar de poder só foi percebido no século XVIII, quando a burguesia estava em ascensão e precisava de uma ideologia para se consolidar como classe no modo de produção capitalista. Assim, segundo Federeci (2017), a força motriz do capitalismo é o disciplinamento do corpo, o qual precisa ser controlado e submetido às regras capitalistas. Desse modo, o corpo era medido de acordo com a força de trabalho, o qual se tornou uma mercadoria.

Sob o ponto de vista patriarcal, o corpo da mulher também é uma mercadoria. Desse modo, muito antes do surgimento da burguesia, “no Brasil Colônia, o patriarcalismo conferia aos homens uma posição hierárquica superior às mulheres, de domínio e poder, sob o qual os castigos e até o assassinato de mulheres eram autorizados pela legislação” (ARARIPE, s/d, p. 2). Portanto, o corpo das mulheres estava sujeito à ação disciplinar dos homens e, até 1970, os maus-tratos e castigos infligidos às mulheres não eram entendidos como forma de violência.

Além do advento do disciplinamento do corpo que coloca a figura feminina como subserviente às lógicas do capitalismo, a mulher moderna ainda

tem que lidar com a chamada passionalidade dos crimes, mais um retrato da violência de gênero. Em toda a narrativa, Ângelo é apresentado pela maioria de seus colegas como vítima de um amor não correspondido por Letícia e que, por isso, sentiu-se no direito de tirar a vida da garota, como se o corpo dela fosse sua propriedade, sendo visto depois como celebridade.

Portanto, é perceptível que a violência contra a mulher é algo bem introjetado nas relações sociais das diferentes esferas de nossa sociedade, em que ainda predomina uma cultura patriarcal. Assim, muitos homens, frutos dessa sociedade, agem como se tivessem o controle do corpo feminino, não sendo culpabilizados quando cometem crimes de violência contra esse corpo e ainda são tidos, muitas vezes, como exemplos de coragem. No entanto, Bourdieu (2010, p. 66) diz que

o que chamamos de “coragem” muitas vezes tem suas raízes em uma forma de covardia: para comprová-lo, basta lembrar todas as situações em que, para lograr atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo “viril” de ser excluído do mundo dos “homens” sem fraquezas, dos que são por vezes chamados de “duros” porque são duros para com o próprio sofrimento [...] (BORDIEU, 2010, p. 66).

Ao falar sobre crimes passionais ou crimes da paixão, compreende-se que este “está ligado ao conjunto de emoções que envolvem uma pessoa em situações de perda de controle sobre as emoções que afloram e modificam momentaneamente os sentidos” (SOSA, 2012, p. 22). Ou seja, quando contrariado, seja em relação às expectativas que tem sobre um sentimento ou em relação a uma traição, o agressor geralmente reage de forma violenta, agredindo ou matando a pessoa.

Nesse sentido, o crime passional é um reflexo do posicionamento de parte da sociedade moderna que, ao enxergar a mulher como passiva e subserviente, acredita que existe uma violação praticada pela mulher ao não atender às expectativas do gênero oposto. É o que se pode observar no trecho abaixo, quando o narrador J.B. Vuia dá seu depoimento sobre os fatos:

[...] Não quero parecer cruel, frio ou insensível por olhar só o lado dele. Não é isso. É que ele foi meu colega, quase um amigo. O que aconteceu com a Letícia... Não tenho palavras. Ninguém tem. Eu fico imaginando a dor que o

Ângelo tava sentindo antes de apertar o gatilho. O desespero. Imaginem. [...] Eu entendo a raiva das pessoas. Mas a vida do Ângelo também acabou. A vida dele não vai mais ser a mesma. Se ele sofria antes, agora tá sofrendo muito mais. [...] (DILL, 2012, p. 61).

O depoimento de J.B Vuia não destoa de muitos que lemos ou ouvimos quando é noticiada uma tragédia como a retratada por Luís Dill na obra. J.B Vuia e muitos de seus colegas que prestaram depoimentos estão em consonância com a sociedade capitalista e com o patriarcalismo. Das leis do século XIX, que apresentavam certa benevolência com o criminoso passional, até os dias de hoje, pouca coisa mudou. Isso porque os mesmos homens que criavam as leis são os que as criam agora: o homem burguês, branco e fruto de uma sociedade corrompida pelo capitalismo. Esse assunto já foi discutido por Simone de Beauvoir, ao afirmar que “a representação do mundo é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta”.

Ainda sobre isso, Federici (2019, p. 57) comenta que

nos tornamos o objeto sobre o qual os homens descarregam sua violência reprimida. Somos estupradas, tanto em nossa cama quanto na rua, precisamente porque fomos configuradas para ser as provedoras da satisfação sexual, as válvulas de escape para tudo o que dá errado na vida dos homens, e os homens têm sido sempre autorizados a voltar seu ódio contra nós se não estivermos à altura do papel, particularmente quando nos recusamos a executá-lo (FEDERICI, 2019, p. 57).

À luz dos aspectos mencionados, o Instituto Patrícia Galvão, apoiado pela Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, apresentou no relatório *Imprensa e Direitos das Mulheres: papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual* a análise de 1.583 matérias sobre homicídio de mulheres nas cinco regiões do Brasil, nas quais 481 informavam que a motivação para o homicídio foi o fim de um relacionamento, recusa em voltar, ódio e separação. Dentre essas matérias, 1084 não relataram o motivo das mortes e o restante está ligado à vingança, ao tráfico de drogas, à gravidez, entre outros.

Feito a partir de um monitoramento de seis meses depois da promulgação da Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015), o relatório chama bastante atenção por afirmar que a maioria das matérias não abordava os motivos reais dos crimes

cometidos contra as mulheres. Assim, ele traz em seus textos abordagens romantizadas que não culpabilizam os autores dos homicídios, como “defesa de honra”, “inconformidade com a separação”, “violenta emoção” etc.

Nesse sentido, a partir do depoimento de J.B. Vuia supracitado, pode-se perceber que a violência contra a mulher continua a ser perpetuada pela manutenção de um pensamento sexista e pela romantização da violência, a qual nos faz olhar mais para a perspectiva do assassino do que da vítima. Logo, ressalta-se que a inferiorização da mulher, sua deslegitimação, seu silenciamento, a desresponsabilização dos culpados de crimes de violência de gênero e a não nomeação desses crimes são fatores que contribuem para que a estrutura dominante continue. No entanto, esse crime tem nome: feminicídio.

À luz dessas reflexões, o livro *Decifrando Ângelo* expõe com maestria os resquícios do patriarcalismo remanescentes desde o colonialismo. O machismo, uma herança cultural, muitas vezes se perpetua de forma sutil, pois foi criado para ser naturalizado. A morte de Letícia e sua repercussão são só um exemplo das várias formas de violência contra a mulher e de seus estereótipos, que matam uma mulher a cada 7 horas, segundo dados do G1 (2020). Portanto, ainda há muito o que ser feito para que as mulheres alcancem a autonomia e a subjetividade de seus corpos.

Por fim, o pensamento historicamente imperante na sociedade, que compreende as mulheres como seres inferiores aos homens, está intimamente ligado à violência sofrida por elas. Para que haja o fim dessa violência e não ocorram mais casos como os de Letícia, é importante fazer cessar esse pensamento de superioridade masculina e garantir a igualdade.

Por isso, Kergoat (2014) defende que se deve lutar para a conquista da autonomia feminina, de forma que as mulheres tenham a possibilidade de trabalhar e adquirir um salário justo, que garanta sustento e independência. Desse modo, as desigualdades perderão espaço e, conseqüentemente, também a violência contra as mulheres. Afinal, “o processo emancipatório das mulheres depende da combinação entre a consciência de gênero, a consciência de classe e a consciência de raça” (KERGOAT, 2014, p. 22).

Considerações finais

A partir do exposto, as obras literárias, ao contrário de uma perspectiva encorajada pelo senso comum, não são produzidas apenas para retratar o que é bom, feliz e belo. Elas existem também para retratar a complexidade humana, a tragédia e o caos, que geram no leitor certo desconforto, mas, sobretudo, reflexão sobre a realidade que o cerca e o desejo de transformá-la, agindo ativamente sobre ela.

A literatura, nesse sentido, configura-se como um importante meio de transformação, pois “em seu mundo vivem a dúvida, as indecisões, as dificuldades de compreensão, que são todas estratégias necessárias para pensarmos por nós mesmos, coisa sempre tão difícil” (ANDRUETTO, 2017, p. 80).

Há muitas obras literárias que apresentam em seu cerne questões relacionadas à sociedade. Isto porque a literatura traduz as forças humanas, sendo eficaz por conseguir representar literariamente a realidade, expressar todas as subjetividades da humanidade e recriar o mundo por meio das formas artísticas, envolvendo de tal forma os leitores a ponto de levá-los “a experimentar dialeticamente os problemas e as contradições da vida” (CORRÊA, 2019, p. 32).

A obra *Decifrando Ângelo*, além do claro rigor literário e estético, aborda temas fraturantes e indigestos que estão cada vez mais presentes na literatura endereçada aos jovens. Diante das colocações, ratifica-se que a obra estimula a criticidade do jovem leitor e apresenta as mazelas da sociedade capitalista sem rodeios, mas com extremo zelo para com as palavras. Rompendo com a tradição pedagogizante da literatura, Luís Dill concebe ao leitor uma experiência singular, levando-o a questionar as bases da sociedade, fazendo jus ao seu caráter emancipatório.

Nesse sentido, o livro é um exemplo de produção que não dá as costas ao mundo capitalista e se fecha em si mesmo. Ele não nega a realidade como totalidade social, separando a arte da vida real, e não deixa de visualizar o momento de sua produção como parte da história humana que precisa ser exposta. Ao contrário, a obra, a partir de um trabalho estético, expõe questões ligadas à sociedade burguesa e capitalista, justamente para que essas questões sejam vistas e ultrapassadas (CORRÊA, 2019).

Nesse sentido, faz-se mister ressaltar que, enquanto o capitalismo fratura e fragmenta a vida, a literatura elabora e complexifica o cotidiano. Além disso, para Candido (1995), a literatura é fator intrínseco de humanização e de afirmação do homem na humanidade, daí a grande importância de todos os indivíduos terem acesso às produções artísticas e à literatura em todas as suas facetas. Isso porque a humanização torna as pessoas mais compreensivas à realidade da sociedade como um todo e preocupadas com os direitos humanos, instigando-as a lutar por seus direitos.

Por conseguinte, o presente artigo mostra que ainda é preciso lutar por uma sociedade mais justa, não se tratando de disseminar o ódio, mas de requerer a igualdade. Portanto, por meio de um trabalho estético-literário, a obra instiga a, segundo Alvarez (2014), enfrentar essas contradições, tornando-as visíveis e não camufladas, visto que as contradições apresentadas na obra podem provocar reflexões críticas que fortalecem e revitalizam os movimentos das mulheres frente ao sexismo, à violência e à negação de direitos reafirmados nas estruturas sociais do capitalismo.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. *Instituto Patrícia Galvão divulga relatório “papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual”*. 2019. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/pautas-violencia/papel-social-e-desafios-da-cobertura-sobre-femicidio-e-violencia-sexual/>> Acesso em: 22 abr. 2021.

ALVAREZ, Sonia. Neoliberalismos e as trajetórias dos feminismos latino-americanos. In: MORENO, Renata (Org.). *Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres*. São Paulo: SOF Sempre Viva Organização Feminista, 2014. p. 24-27. Disponível em: <<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Economia-e-poli%CC%81tica-web.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2021

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Edições Sesc, 2017. 168 p.

ARARIPE, Shirley Felizardo. *Ser mulher no século XXI: uma análise dos fatores que dificultam o rompimento do Ciclo de Violência*. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:SBLcYX5wMb4J:www.ufpb.br/vento/index.php/ixsidh/ixsidh/paper/download/4326/1641+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

BRASIL. Senado Federal. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. *Relatório Final*. Brasília, julho de 2013. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/relatorio-final-da>>

-comissao-parlamentar-mista-de-inquerito-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis et al. Literatura e Vida Social. In: CORRÊA, Ana Laura dos Reis; HESS, Bernard Herman; ROSA, Daniele dos Santos (Org). *Caderno de Literatura: um percurso em literatura na educação do campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2019. p. 12-38.

DILL, Luís. *Decifrando Ângelo*. São Paulo: Editora Scipione, 2012.

FAJARDO, Andressa. Narrativa juvenil contemporânea e o gênero policial: romance de enigma, noir e de suspense nas obras de Luís Dill. *Travessias interativas*, v. 8, n. 15, 2018.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Editora Elefante, 2019. Disponível em: <http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozerodarevolucao_WEB.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2021.

_____. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva, 2004*. Tradução do coletivo Sycorax. Editora Elefante: São Paulo, 2017. Disponível em: <http://coletivosycorax.org/wp-/uploads/2019/09/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB-1.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2021.

IOP, Elizandra. Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais. *Visão global*, v. 12, n. 2, p. 231-250, 2009.

KERGOAT, Danièle. Compreender as lutas das mulheres por sua emancipação pessoal e coletiva. In: MORENO, Renata (Org.). *Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres*. São Paulo: SOF Sempre Viva Organização Feminista, 2014. p. 11-22. Disponível em: <<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Economia-e-poli%CC%81tica-web.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

NAVAS, Diana. A EXPANSÃO DOS SENTIDOS A PARTIR DA MATERIALIDADE DO LIVRO. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, v. 27, p. 65-76, 2020.

PEREIRA, Jéssica Oliveira. “*Meu corpo, minhas regras?*” – feminismos e os sentidos do corpo em rede digital. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, p. 127. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21295/2/J%c3%a9ssica%20Oliveira%20Pereira.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SOSA, MARCELO GONÇALVES. A violência de gênero no Brasil: o caso dos crimes passionais. *Revista eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, v. 7, n. 1, p. 21-32, 2012.

VELASCO, Clara; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. Mesmo com queda recorde de mortes de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019. *G1*, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-femicidios-em-2019.ghtml>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

WITZEL, Denise Gabriel. Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários. *Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)*, v. 58, p. 525-539, 2014.

CAPITALISMO E FEMINICÍDIO: UMA ANÁLISE DA OBRA *DECIFRANDO ÂNGELO*, DE LUÍS DILL

Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/alfa/a/B39JM7MGqfBSBjZnN56h5Zp/?lang=pt&format=pdf>>.
Acesso em: 16 set. 2021.